

NEGÓCIOS



MAI 2024

Nº 200 | R\$ 30

NORTE

Sarah Sampaio
CEO da Amazônia
Agroflorestal



NORDESTE

Arthur Fama
fundador da CGS



CENTRO-OESTE

Francisco Saboya
presidente da Embrapii



SUDESTE

Lygia Pereira
fundadora da Gen-t

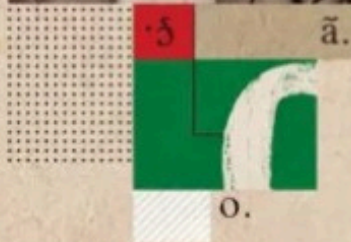


SUL

Marcos Santos
fundador da Aquarela

O MAPA DA INOVAÇÃO

A REPORTAGEM DE ÉPOCA NEGÓCIOS PERCORREU AS CINCO REGIÕES DO BRASIL PARA VER DE PERTO COMO A TECNOLOGIA ESTÁ MUDANDO O PERFIL DE NEGÓCIOS EM TODO O PAÍS





ACADEMIA Na América Latina, o Brasil é apontado como o mercado mais promissor para deep techs, pelo volume de produção científica

concentra 77% dos pesquisadores da região, 58% das patentes e 47% das contribuições em artigos acadêmicos – mas apenas 33% das deep techs. “Essa discrepância pode ser atribuída, em parte, ao modelo de startup digital, predominante no Brasil, focado no mercado local e com mentalidade diferente em comparação com a natureza global da deep tech. Mas é difícil imaginar que esse problema não será resolvido com o tempo”, afirma Ignacio Peña, que assina o estudo do BID.

SÃO PAULO À FRENTE

A tendência apresenta diferenças regionais importantes. Apesar de existirem iniciativas espalhadas por todo o país, o Sudeste, e mais especificamente o estado de São Paulo e sua capital, destacam-se como berçário de deep techs no país. “Há outras cidades bem posicionadas, como Florianópolis. Mas São Paulo é claramente o principal polo”, diz Peña. “A cidade tem a oportunidade de ser a ponta de lança no desenvolvimento de deep techs em toda a América Latina.”

É uma vocação atribuída pelo mercado ao peso econômico da cidade e da região, à infraestrutura de produção de conhecimento científico, à capacidade de atrair talentos, ao ecossistema criado em torno das startups digitais nos últimos anos, e ainda ao forte incentivo à inovação

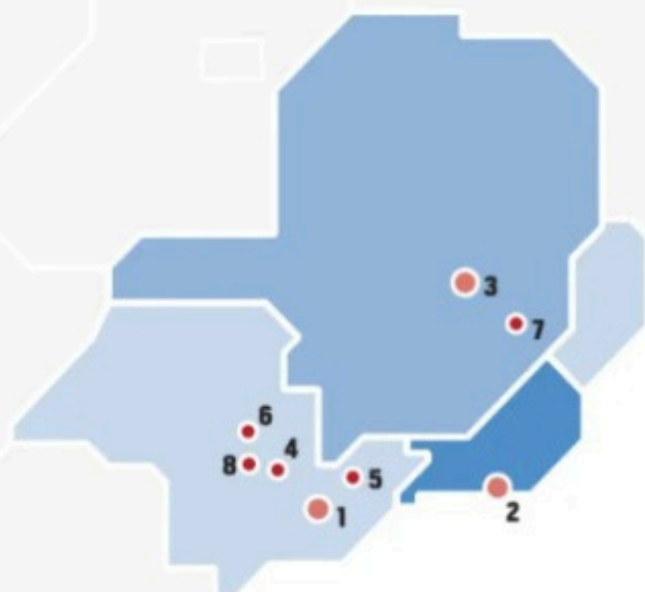
promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). “O que São Paulo tem que outros estados não têm é a Fapesp”, afirma Lygia, da Gen-t. Para ela, a instituição paulista foi fundamental principalmente nos quatro anos do último governo, quando “houve um arroxado danado de verbas para a ciência”. “No âmbito federal, as coisas flutuam. Aqui, não. A Fapesp tem 1% do ICMS do estado e uma gestão super-rigorosa e competente de aplicação desse dinheiro. É vontade política”, diz.

Hoje, as três universidades brasileiras mais bem posicionadas no World Reputation Ranking, da Times Higher Education, são paulistas. Delas saíram ao menos uma dezena de fundadores de unicórnios como iFood, NuBank, 99, C6 Bank e Gympass. As cinco deep techs mais valiosas do país – Kaiima e Biotimize, de biotecnologia; Voltz, de mobilidade; Speedbird Aero, de tecnologia espacial; e Tractian, de internet das coisas – seguem a mesma lógica. Estima-se que as quatro primeiras tenham valor de mercado entre US\$ 100 milhões e US\$ 500 milhões.

A capital paulista é também o principal centro financeiro do país, lembra Carlos Américo Pacheco, membro do Conselho Superior de Inovação e Competitividade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). “Tem

O MAPA DA INOVAÇÃO DO SUDESTE

OS PRINCIPAIS POLOS DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DA REGIÃO



1- SÃO PAULO (SP)

A capital abriga 32,5% das startups de tecnologia do Brasil, de longe a maior concentração em uma única localidade. Berço das fintechs, começa a dar impulso para as deep techs.

2- RIO DE JANEIRO (RJ)

Sede da Petrobras, líder da inovação na indústria brasileira, o Rio de Janeiro tem no Parque Tecnológico da UFRJ, na Coppe, no Instituto de Inovação do Senai e na Fiocruz centros de ciência e excelência.

3- BELO HORIZONTE (MG)

Belo Horizonte, terceiro município brasileiro com maior número de startups, tem entre seus centros de inovação o Mining Hub, dedicado à mineração, e o FIEMG Lab, ligado à federação das indústrias.

4- CAMPINAS (SP)

Turbinada pelo Sirius, um dos maiores aceleradores de partículas do mundo, Campinas é sede da Unicamp, do CPQD, e de uma série de grandes institutos, como o Instituto Eldorado, da Embrapil.

6- SÃO CARLOS (SP)

Dona da maior média de doutores por habitantes, São Carlos conta com o ParqTec e nove campus universitários, como os da UFScar e da USP, que mantém um centro de pesquisas de IA.

7- VIÇOSA (MG)

A Universidade Federal de Viçosa (UFV), no interior de Minas Gerais, é um dos principais polos de desenvolvimento de inovação ligados ao agronegócio na região.

5- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

São José dos Campos é a capital nacional da indústria aeroespacial, abrigando a Embraer, o ITA, o Inpe e o DCTA, além de um Parque Tecnológico, pesquisas e universidades.

8- PIRACICABA (SP)

Com a retaguarda da Esalq/USP, da EsalqTec e do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/USP), Piracicaba se posiciona como um dos principais polos de inovação em agronegócios do país.

muitas fintechs, inovações relacionadas à área financeira”, afirma Pacheco. “O dinheiro, de forma geral, tem origem em São Paulo ou acaba passando por São Paulo”, concorda Lucas Delgado, cofundador e sócio da Emerge, consultoria especializada em deep techs.

Dos cinco principais fundos de investimentos em deep techs com atuação no país, três estão sediados na capital paulista, que tem também incubadoras em universidades e hubs de inovação e geração de negócios, como o Cubo, ligado ao Itaú, o Google Campus e o InovaBra, do Bradesco, entre outros. “Tudo isso cria um ambiente muito rico de possibilidades”, diz Pacheco, da Fiesp.

ONDA DEEP TECH

A recente proliferação de startups de base científica no Brasil está relacionada a uma série de fatores – o barateamento de tecnologias de ponta, a descentralização do processo de P&D nas empresas, as mudanças na legislação brasileira e a consolidação do ecossistema de inovação no país. “O mundo gerou, nos últimos anos, uma série de tecnologias habilitadoras que permitiram acelerar esse processo. O preço de pesquisas de DNA, de chips de processamento, ficou tudo ‘mais barato’”, diz Gabriella Sant’Anna, head de startups do Cubo, hub de inovação ligado ao Itaú.



NO FINAL DE 2020, quando apresentou pela primeira vez sua proposta de negócio a um investidor, a geneticista Lygia Pereira, professora titular da Universidade de São Paulo (USP), com 28 anos de carreira acadêmica, estava segura de que havia preparado uma apresentação de powerpoint “digna de um case da Harvard Business School”. O investidor, no entanto, não entendeu nada. “Só que intuiu coisa boa ali”, conta.

Eduardo Mufarej, o interlocutor em questão, da gestora de capital de risco Good Karma Partners, contratou um consultor para esmiuçar o documento, conversar com as fundadoras e descobrir se o risco valia a pena. Dez semanas depois, veio o veredito. Não só o projeto da Gen-t recebeu dinheiro, como o consultor, Fernando Stegmann, virou sócio cofundador do negócio.

Até recentemente, era comum ouvir de investidores que o Brasil era muito capaz na geração de startups com tecnologias digitais maduras. Mas, diferentemente de outros países mais desenvolvidos, tinha barreiras ao surgimento de

startups com diferenciais nascidos de pesquisas científicas, protegidos por patentes e difíceis de replicar.

Uma série de avanços, porém, tem levado a mudanças promissoras na visão do mercado. Depois de décadas de investimentos públicos em formação de pessoal e pesquisa básica, negócios como o liderado por Lygia vêm mostrando que a distância entre a academia e a iniciativa privada é cada vez mais curta no Brasil.

O caso da Gen-t é emblemático. Hoje, passados mais de três anos, a empresa é um dos exemplos mais bem-acabados do potencial da incipiente onda de startups de base científica, as chamadas deep techs, no Brasil – um movimento que tem o Sudeste, e mais especificamente a capital paulista, como epicentro.

Depois de levantar US\$ 4 milhões e reunir especialistas em áreas de ponta, como genética, bioinformática e ciência de dados, a empresa está estruturando uma plataforma com informações sobre o genoma da população brasileira, em toda sua diversidade e riqueza, para dar suporte ao desenvolvimento de tratamentos médicos personalizados e novas drogas, mais precisas, tanto aqui quanto no exterior. Já sequenciou o DNA de cerca de 10 mil pessoas, das 200 mil que pretende sequenciar até 2026. Apesar de a meta ainda estar distante, o número foi suficiente para fechar um projeto piloto, no final de 2023, com uma farmacêutica internacional, entregue há poucas semanas. “Há plataformas como a nossa lá fora, criadas a partir de genomas de populações majoritariamente brancas, da Europa e dos Estados Unidos”, diz a pesquisadora e empresária. O problema, explica, é que diagnósticos e testes de predição de risco feitos a partir delas, para diversas doenças, perdem em precisão quando aplicados a pessoas de outras ancestralidades. “As empresas querem diversidade porque aumentam as oportunidades de inovação.”

Estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), chamado Deep Tech, a nova onda, aponta que o país já tem ao menos 101 startups construídas a partir de descobertas científicas de impacto, ou de projetos de engenharia complexa. Juntas, elas já captaram US\$ 441 milhões e valem US\$ 1,9 bilhão.

Em número de startups, na América Latina, o Brasil está atrás apenas da Argentina, com 103. Mas, em potencial, o ecossistema brasileiro é apontado como o mais promissor, pelo volume de produção científica. O país

PONTE A geneticista Lygia Pereira, fundadora da Gen-t: sócios-investidores e a perspectiva de multiplicar o trabalho dos laboratórios

